

LÍNGUA E TRADUÇÃO NA RENASCENÇA FRANCESA

Márcia Atália PIETROLUONGO *
mapietro@terra.com.br

LÍNGUA E TRADIÇÃO NA RENASCENÇA FRANCESA

RESUMO

O papel da tradução na emergência, ilustração e estruturação da língua francesa no século XVI.

PALAVRAS-CHAVE

Língua francesa; tradução; Renascimento

LANGUAGE AND TRANSLATION IN THE FRENCH RENAISSANCE

ABSTRACT

This paper discusses the role of translation in the emergence, illustration and structuring of the French language in the 16th century.

KEYWORDS

French language; translation; Renaissance

Na França do século XV, ainda que o latim constituísse a língua científica e literária, o francês de Paris vai se tornando a língua do país e é utilizado extensivamente na linguagem administrativa. Por intermédio da tradução, da criação literária e da administração, o francês escrito de Paris ganha cada vez mais espaço, sendo capaz de abarcar tanto a prosa quanto a poesia e o teatro. O uso da língua pela corte, que se fixara na monarquia dos Capetos na Ilha-de-França, acaba por tornar o francês língua oficial majoritária, em detrimento de outros dialetos.

O poder da realza impõe a difusão da língua da corte, a língua d'oïl¹, aos redutos importantes do território por meio da criação de Parlamentos em diferentes regiões. A dinastia dos Valois toma as rédeas da ilustração do reino pelas armas, pelas leis, mas também pelas artes, incentivando o desenvolvimento da literatura nacional. O século XVI promove uma verdadeira política linguística através do decreto real de Villers-Cotterêts, em 1539, no qual François I ordena que os atos jurídicos passem a ser redigidos em língua francesa (le langage maternel français), banindo o latim dos documentos oficiais.

Há um esforço comum – político, literário, gramatical e lingüístico – no sentido de emancipar a língua francesa do latim e os tradutores vão exercer um papel fundamental no enriquecimento da língua francesa, inventando neologismos seguidos de glosas e explicações, criando novas estruturas, fazendo um trabalho de lingüística comparativa, já corrente desde os tradutores da Idade Média², entre o latim, o grego e o francês. Essas operações resultam não apenas em um trabalho formal sobre o texto traduzido, mas igualmente na sedimentação da língua francesa enquanto tal. A ênfase é dada ao enriquecimento do francês operado pelo ato tradutório.

Como salientava o tradutor Claude de Seyssel, em 1559, no prólogo a sua tradução de *Les histoires universelles* de Trogue Pompee, abregées par Justin Historien: “traduire est le moyen le plus exquis et qui plus fait à louer... d'enrichir et de magnifier la langue françoise [...]”³. [“traduzir é o meio mais notável e mais apto para louvar...enriquecer e magnificar a língua francesa”].

Era preciso lutar contra o sentimento de inferioridade e contra a crença, cunhada pela tradição prestigiosa do latim nas Universidades e na Igreja, de que a língua vernácula só era apta a exprimir os fatos e situações da vida cotidiana. Muitos são os tradutores que, durante o século, bradam em favor das qualidades da língua materna, entre os quais, Pierre Saliat (1556): “[...] qu'il leur pleut quelque fois voir comme leur langue vulgaire n'est point du tout si maigre, si pauvre, si affamée...” [“que lhes agrade, por vezes, ver como sua língua vulgar não é absolutamente tão magra, tão pobre, tão esfomeada”].

E Geoffroy Tory, autor do *Champfleury* (1529): “notre langue est une des plus belles et gracieuses de toutes les langues humaines” [“nossa língua é uma das mais belas e graciosas de todas as línguas humanas”].

Era preciso dissipar o sentimento de mutabilidade contínua e angustiante do idioma natal, confrontado à fixidez e perenidade do latim. Como exclamava Montaigne intrigado, no terceiro volume de seus *Ensaies*:

Selon la variation continue que j'ai vu le nostre [nostre langage] jusques à ce heure, qui peut esperer que sa presente forme soit en usage, d'icy à cinquante ans? Il escoule tous les jours de nos mains et depuis que je vis s'est altéré de moitié. [“Segundo a contínua variação que nossa linguagem sofreu até esta hora, quem pode esperar que sua presente forma esteja em uso daqui a cinquenta anos? Ela escorre, todos os dias, de nossas mãos e, desde que vivo, ela foi alterada pela metade”].

E, como ressalta o mesmo Tory (1529), era imperioso estabelecer regras que dessem um novo estatuto à língua vulgar: “en ayant leur langue bien reiglee, ils peussent rediger et mettre bonnes sciences et arts en memoire et par escript”

2. Os tradutores do século XIV já haviam aberto o caminho, ao traduzir textos de prestígio em prosa. Seu trabalho vinha demonstrar que a língua vernácula de comunicação oral podia conter conteúdos letrados, sendo capaz de expressar raciocínios elaborados, transmitir teorias e utilizar diferentes registros de texto.

3. Todas as citações de autores do século XVI presentes neste trabalho figuram na obra de GUILLERM, Luce. *Sujet de l'écriture et de traduction autour de 1540*. Paris: Amateu de Livres-Khincskieck, 1988. Para maior legibilidade...

1. Na França da Idade Média, os dialetos se dividiam em dois ramos, segundo a diversa maneira de dizer “sim”. No Norte se dizia “sim”, dizendo “oïl” e, no sul, dizendo “oc”. Assim, a língua d'oïl congregava o picard, o francien...

através de termos regionais ou do afrancesamento de termos estrangeiros. O importante era tornar a língua vulgar habitada a expressar qualquer domínio da atividade humana, mesmo os mais abstratos ou especulativos.

A criação de neologismos e os empréstimos vinham responder à necessidade de enriquecimento lingüístico e de aquisição de vocábulos que não existiam em língua vernácula. Ferdinand Brunot (1967, p.163), em sua magistral *Histoire de la langue française des origines à nos jours*, no volume dedicado ao século XVI, enfatiza a nova percepção de uma distinção fundamental entre língua corrente e língua técnica. A língua científica ganha um estatuto à parte e os cientistas, autores e tradutores, eram incentivados, pelos próprios literatos, a naturalizar e a inventar.

Pressionados, por um lado, pela escolha do vernáculo como língua de vulgarização dos conhecimentos, o que já os colocava no risco de serem considerados ignorantes e incultos; por outro, pela crença de que o vocabulário dos predecessores era insuficiente; e ainda pela convicção de que a criação de novas palavras seria mais prestigiosa para dar conta de novos saberes, os cientistas do século XVI se lançaram na proliferação de neologismos. É fato que essa criação excessiva que contribuiu para o enriquecimento da língua também resultou em inúmeros barbarismos.

No que concerne aos empréstimos do grego e do latim na língua científica, os procedimentos mais comuns eram o empréstimo de termos científicos já existentes nas línguas antigas e a criação de palavras a partir de radicais franceses e procedimentos franceses de formação.

O ensino da medicina, ciência de maior respeitabilidade, era ministrado em latim nas Universidades. Contudo, se a ciência pura não poderia prescindir do latim, as ciências aplicadas, que se dirigiam a um público de farmacêuticos e cirurgiões, com conhecimentos apenas instrumentais desta língua, se viram diante da necessidade de divulgar seus conhecimentos em língua francesa. Por outro lado, o advento de doenças contagiosas que infectaram a população, durante o século, tornou imperiosa a urgência de prover os médicos com a difusão de métodos de tratamento e cura, que passaram a ser veiculados e publicados em francês.

Nas traduções da área médica, observa-se uma grande confiança na língua materna, cuja compreensão se faz naturalmente, sem as dificuldades suscitadas pelas línguas antigas. Para os médicos-tradutores, o que está em jogo é a possibilidade de transmissão de objetivos concretos, alcançados pela instrumentalização da linguagem, cultuada eminentemente por sua função de comunicação. Como diziam, "les maladies ne sont pas gueryes par éloquence mais par remedes".

Outra era evidentemente a posição dos poetas para quem a língua constituía o próprio objeto de trabalho e a relação com a tradição retórica do campo literário era marcada pelo peso de uma responsabilidade de bem dizer, de bem traduzir, segundo os cânones retóricos e poéticos da época, que a área científica desconhecia. Nunca é demais lembrar que grande parte dos escritores desempenhava diferentes funções. Eram tradutores, autores, alguns filólogos, sendo difícil discernir uma especificidade absoluta para cada um dos ramos de sua prática de escrita, uma certamente exercendo grande influência sobre a outra.

["tendo sua língua bem regrada, eles puderam redigir e colocar boas ciências e artes em memória e por escrito"]. Era preciso ainda estender os saberes artísticos e científicos, promovendo a vulgarização do conhecimento, junto a um público que desconhecia as línguas antigas. O tradutor Claude de Seyssel, no início do século, já via na prática da tradução um grande vetor de difusão:

Par ce moyen ceux qui n'ont aucune notice de la langue latine, peuvent entendre plusieurs choses bonnes et hautes, soit en la sainte escriture, en philosophie morale, en médecine, ou en histoire, dont n'auroyent aucune cognoissance [...]. ["Por esse meio, aqueles que não têm nenhum conhecimento da língua latina podem entender boas e altas coisas, seja nas Sagradas Escrituras, seja em filosofia moral, em medicina, ou em história, meio sem o qual eles não teriam o mínimo conhecimento destas"].

Na luta de influência entre o francês vernáculo e o latim, a ilustração da língua francesa é colocada em cena, através de muitos autores ilustres, tais como Geoffroy Tory e Henri Estienne. A confiança crescente no idioma francês levará este último a afirmar sem hesitação, já no último quarto do século, a "Preclarence du langage françois" (1579) sobre todas as línguas antigas e modernas, excetuando-se a grega. Em sua gramática, Pierre Ramus (1572) não hesita em proclamar a excelência da língua materna e a perfeição de sua pronúncia. Entretanto, com toda a defesa da língua vernácula, é ainda grande a resistência a ela, ao longo do século.

A voz de todos aqueles que defendem a língua francesa vai se tornando cada vez mais forte na luta contra essa resistência. A importância dos discípulos de Cícero⁴ como Claude de Seyssel, Pierre Saliat, Thomas Sébillet, Jacques Peletier, Etienne Dolet é inegável. Como enfatiza Michel Magnien (2006, p.57-58):

Eles não quiseram fundir a língua vernácula no latim para fazer dela o vetor universal das palavras e pensamentos da Europa humanista; ao contrário, eles procuraram elevar o vernáculo ao nível das mais altas proezas da Antiguidade greco-latina, dando-lhe as regras estabelecidas por suas criações neolatinas: imitação e, sobretudo, trabalho escrupuloso e incessante de expressão. Aqui, a tradução ganha toda a sua importância, como instrumento de mediação entre as obras de arte de ontem e as obras por vir. Se a *inventio*, mas também a *elocutio* antigas, podem se reencarnar nas línguas modernas via tradução, a rivalidade com os modelos antigos, essa vontade de ultrapassá-los que anima todos os ciceronianos, poderá ser realizada em uma língua diferente do latim.

Contudo, para o enriquecimento da língua materna, indubitavelmente reconhecida no século como sendo ainda mais pobre que o latim, será preciso calcar o francês no grego e no latim, através da citação, da criação de neologismos e da tradução. Havia um consenso quanto à necessidade de enriquecimento lexical,

4. Os séculos XVI e XVII na França promoveram um debate inflamado em torno da figura de Cícero, que via na retórica o princípio unificador da cultura, articulando o saber a uma palavra com valor operatório na sociedade. Para Cícero, o orador deve utilizar a *inventio*, com três finalidades: provar, conciliar e emocionar. A *elocutio*, por sua vez, deve ser colocada ao serviço das operações discursivas.

Na Europa dos séculos XVI e XVII, a retórica constituía uma estrutura de inteligibilidade que dava ao humanista os instrumentos de simbolização e de reconhecimento de si, de sua linguagem e do mundo. Embora surpreendentemente mutável, de acordo com os indivíduos, as gerações e os lugares, a retórica vai se fundamentar numa conciliação entre a estrutura e a história e sedimentar a base da civilização literária européia. É ela que vai estabelecer "o enquadramento do que já foi dito e escrito", fornecendo "os meios de dizer o novo no quadro do que foi bem dito e bem escrito" (FUMAROLI, 1980, p.II).

Na língua literária, como evidencia Brunot (1967), as teorias, com razoável frequência, não coincidem com a prática. Os literatos, autores e tradutores e defensores da criação de neologismos, oscilavam entre a ousadia e a moderação e nem sempre estavam de acordo quanto aos melhores procedimentos de enriquecimento da língua materna.

O desenvolvimento da língua se fundamenta, em parte, pela utilização de vocábulos dialetais e arcaicos e, sobretudo, na formação de novas palavras por derivação própria, imprópria e por composição. Segundo Brunot (1967, p.208-215), os empréstimos do italiano e do espanhol eram feitos a partir de diversos procedimentos, tais como:

1. expressões feitas a partir de palavras francesas, mas construídas a partir de um modelo italiano ou espanhol;
2. palavras cuja forma sofreu influência do italiano ou do espanhol;
3. palavras cujo sentido sofreu influência do italiano ou do espanhol;
4. empréstimos diretos de palavras;
5. palavras formadas a partir de sufixos estrangeiros;
6. influências das duas línguas sobre a gramática do francês.

Quanto aos empréstimos das línguas antigas, ele ressalta (1967, p.229-241) os seguintes métodos:

1. criação de expressões, fazendo a mesma aproximação de vocábulos do latim, que não eram correntes em francês;
2. combinação de elementos franceses para formar palavras à moda antiga;
3. palavras francesas desviadas de sua forma normal para se aproximar da forma antiga;
4. palavras francesas que, sem sofrer modificação de forma, retomam sentidos da palavra antiga correspondente;

5. criação de palavras, com derivação ou composição latina ou grega; ou ainda, o procedimento mais corrente, palavras latinas ou gregas com derivação ou composição à francesa;

6. empréstimo de palavras tais e quais;
7. formação de palavras a partir de elementos eruditos, mas inexistentes nas línguas antigas;
8. empréstimos não de vocábulos, mas de formas e estruturas gramaticais das línguas antigas.

O século XVI conhece um grande aumento da atividade da tradução, beneficiado, de um lado pelo advento do novo mercado do livro, aberto pelo desenvolvimento da impressão e pelo crescimento do público leitor, promovidos pelos editores e, de outro, pelo apoio da realza ao trabalho dos tradutores. François I, Henri II, Charles IX e Henri III zelam pela Arte e pelo exercício das Belas Letras em seus reinos. A supremacia política deveria passar igualmente pelo expansionismo da língua.

Em seu livro, *Os tradutores na história*, Jean Delisle e Judith Woodsworth (1998, p.50) fazem um panorama das tensões que envolviam a prática tradutória na época:

Já em 1509 um tradutor chamado Claude de Seyssel tinha apelado ao rei Luís XII para que criasse um peçúlio de literatura francesa, defendendo a tradução como um meio de enriquecer e estender a língua francesa. Durante todo o século, no entanto, houve duas doutrinas conflitantes sobre o modo como isso se poderia fazer. Segundo Clément Marot, um grupo de poetas cortesãos e tradutores considerava a tradução um bom exercício estilístico que contribuiria para enriquecer a língua. O helenista Thomas Sebillot adotou essa posição no seu livro *L'art poétique*, de 1548. Da mesma forma que Horácio, em *Ars poética*, considerava a tradução (version) um gênero literário e um ramo da retórica. Essa opinião não era compartilhada pela Pléiade, um grupo de poetas humanistas liderado por Ronsard, segundo o qual a tradução era perigosa tanto para a literatura como para a língua. Esse grupo pediu a Joachim Du Bellay (1522-60) que respondesse a Sebillot; o resultado foi a *Deffence et illustration de la langue françoise*, de 1549 [...].

Na primeira metade do século XVI, incentivado pelo rei, Claude de Seyssel vai promover um vasto programa de traduções dos textos da Antiguidade. Era corrente o método de tradução por versão intermediária, como observado na colaboração entre Jean Lascaris e o próprio Claude de Seyssel. O primeiro traduzia do grego para o latim, e o segundo, do latim para o francês vulgar.

Um fato histórico de grande importância para o idioma francês foi a confiança bem sucedida de traduzir obras religiosas. Em 1523, Lefèvre d'Étaples publicou sua tradução do Novo Testamento. A tradução em francês, em 1541, por Calvino de sua obra *Institutio religionis christianae* publicada em latim cinco anos

antes, foi fundamental para a difusão da doutrina da Igreja reformada junto à massa dos fiéis não letrados em línguas antigas. Considerado o prestígio da teologia entre as ciências, escrever um tratado de teologia em língua vernácula teve grandes conseqüências para a aceitação da introdução da língua francesa no meio religioso tanto protestante quanto católico.

Hugues Salel é o primeiro a traduzir alguns livros da *Iliada* diretamente do grego, pois o estudo do grego era muito pouco praticado na França de então. A Pléiade é a responsável pelo desenvolvimento do estudo dessa língua na segunda metade do século.

A nova orientação da Pléiade no que tange à tradução dos antigos é clara: é fundamental basear-se na imitação, abandonando a cópia, considerada servil, e pregando uma transposição mais livre das obras traduzidas. Du Bellay, porta-voz da Pléiade, vai sustentar a utilidade da tradução nas disciplinas e saberes, porém, vai condenar a prática da tradução, sustentando que a imitação dos gregos e latinos seria mais conveniente ao enriquecimento do francês, pois considerava que a eloqüência e o estilo não são passíveis de tradução. Três capítulos de sua obra são dedicados ao exame de tudo aquilo que numa língua resiste a uma boa tradução.

Paradoxalmente, Ronsard e Du Bellay também foram tradutores. O primeiro traduziu, sobretudo, autores gregos, como Anacreonte, Aristófanes e Safo; e o segundo traduziu Virgílio e Ovídio. O resultado estético dessas traduções reside na busca pela nobreza do tom e igualmente por um efeito arcaizante provocado por inúmeras inovações feitas a partir de empréstimos ao grego e ao latim.

Um texto de grande representatividade que trata da prática discursiva da tradução é *La manière de bien traduire d'une langue en autre* (1540) de Etienne Dolet (1540), humanista e editor francês, que paga com a própria vida por suas idéias liberais e atividade profissional, consideradas atéias e heréticas. Teve várias obras publicadas de sua autoria e foi um vigoroso defensor da língua francesa. Sua obra sobre tradução constitui uma das primeiras tentativas de se pensar a prática da tradução literária, estabelecendo cinco regras do bem traduzir: o tradutor deve entender perfeitamente o sentido e a matéria do autor a traduzir; ele deve ter um perfeito conhecimento das duas línguas; não deve praticar a tradução palavra a palavra; não deve se deixar seduzir pela variedade e riqueza da língua do original e sim seguir a "língua comum"; e, finalmente, ele deve observar o equilíbrio e a harmonia do conjunto.

Ainda na segunda metade do século XVI, as traduções de Jacques Amyot atingem, segundo Montaigne, a perfeição do natural e a pureza da linguagem. Ele foi considerado por muitos o maior tradutor do século XVI, tendo exercido forte influência inclusive entre os tradutores do século seguinte. Em sua tradução de Plutarco, Amyot contribui para o enriquecimento da língua francesa, ao se propor a descrever em francês uma série de situações políticas, militares e também familiares. Segundo Gustave Lanson, essa tradução é a representação do ápice do esforço da língua francesa para se equiparar ao latim e ao grego. Além de se preocupar com o enriquecimento do idioma vernáculo, Jacques Amyot se esmera na busca pela clareza e pela harmonia.

Como se pode observar, o espírito mesmo da Renascença é marcado fundamentalmente pela tradução. Obras da Antigüidade clássica, obras das literaturas da Itália e da Espanha, tratados técnicos de todas as especialidades e temáticas, do direito à filosofia, da medicina às outras ciências, da religião às artes. Tudo era objeto de tradução no século XVI.

Analisando as conseqüências lingüísticas dessa extensão da tradução em língua francesa das mais variadas línguas e saberes, Hélène Nais (1967, p.488-490) coloca em evidência alguns de seus efeitos:

1. O latim é, sem dúvida, incomparavelmente ao grego, ao italiano e mesmo ao espanhol, a língua de maior relevo na estruturação da língua francesa, as outras línguas se limitando apenas a uma influência lexical.
2. Há extensão generalizada da prática do plágio. A autora chega a afirmar que toda a literatura do século XVI se apresenta como uma gigantesca tradução (p.489). Isto significa que a influência ocorre não somente nos aspectos vocabulares, mas certamente também na fraseologia e no estilo. Muitos dos escritores e poetas se exercitaram na tradução, que constitui para eles um verdadeiro exercício de estilo, um aprendizado mesmo da escrita autoral e um vigoroso trabalho sobre a língua francesa emergente.
3. No campo da tradução de textos científicos, havia uma interpenetração de traduções que buscavam soluções às dificuldades encontradas em obras escritas originalmente em francês.
4. Muitos dos cientistas, clérigos e autores da época eram bilingües (francês-latim) e a passagem de uma língua a outra se fazia com naturalidade e nem sempre com a percepção de um estranhamento.
5. Ferdinand Brunot colocou em evidência a idéia de que novas noções exigiam um vocabulário também novo e a confecção de neologismos se torna corrente. Mas, aqui, é preciso lembrar que, se os latinismos são mais inconscientes, os helenismos e os italianismos são buscados voluntariamente.

Os prólogos e prefácios às traduções evidenciam o caráter ideológico e político do discurso sobre a língua. Qualquer reflexão sobre a prática da tradução não poderia se abster de determinar suas concepções de língua. Os tradutores do século não fugiram à regra, sobretudo em razão de sua necessidade de ilustrar a língua francesa em sua emergência, de justificar sua pertinência, de atribuir-lhe um lugar valorizado em meio ao enorme prestígio das línguas antigas. A língua francesa, intimamente relacionada com a construção da nacionalidade, tecia o sentimento de pertencimento a uma comunidade lingüística.

É nesse século que surge a noção de gênio das línguas, associado ao gênio das nações. Nessa dimensão, cada língua nacional possui uma maneira própria e singular, com características específicas que variam entre a concisão e a abundância, a elegância e a rusticidade, a suavidade e a brutalidade, entre outras características.

A teoria dos "climas" desenvolvida por Bodin (1566), a partir de Hipócrates (Lestringant, 1982), se combina com a dos "temperamentos" em Juan Huarte (1578): a primeira explica como os povos, segundo a latitude do lugar onde vivem, modificam a pronúncia dos mesmos fonemas submetidos como o resto da física à combinatória dos quatro elementos e das quatro qualidades (calor, frio, úmido, seco). Assim, os povos setentrionais pronunciam mais secamente e mais friamente do que nas regiões temperadas onde os órgãos da fonação são mais amolecidos. [...] Essa topografia lingüística associada à fisiologia dos povos, certamente contestável por seu aspecto esquemático, fundava, entretanto, as bases de uma análise da diferenciação das línguas com mais nuances do que a dispersão dos filhos de Noé. A partir do dogma da aptidão universal dos homens à linguagem, ela permitia justificar naturalmente a diversidade. (DEMONET, 2006, p.130).

No discurso sobre a língua francesa no século XVI, é constante a presença de um ideal textualizado de "luta, combate, defesa", arsenais de guerra montados para descrever uma língua em constituição. Aqui não faltam os elementos narrativos básicos, fundados nas modalidades do querer, do poder e do saber e suas provas qualificantes. A prova glorificante da língua virá, sem dúvida, nos séculos seguintes (XVI e XVIII), com o classicismo francês e o grande prestígio que a língua francesa alcançará em seus novos vãos de universalidade. E, como afirma enfaticamente Luce Guillermin (1988, p.485):

Não há dúvida de que a extensão da atividade de tradução em língua vulgar autorizou, paralelamente à afirmação da confiança nas possibilidades da língua francesa, uma observação e uma reflexão desta, de seu funcionamento, de suas estruturas: sua constituição em objeto teórico. A história das teorias lingüísticas não pode senão salientar esse papel determinante desempenhado pela confrontação de sistemas diferentes nos avanços teóricos dos gramáticos da língua vulgar.

A circulação de um idioma a outro, cunhada pela tradução, longe de se limitar a um questionamento fundado sobre a prática, acaba por interrogar a própria materialidade da linguagem e suas representações. Na Renascença francesa, a tradução estabelece esse espaço discursivo essencial que vai constituir a língua francesa como lugar prestigioso de saberes, conhecimentos e arte, articulando ideologicamente a escrita ao histórico, ao econômico e ao político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMYOT, Jacques. Epître "Autres-puissant et tres-chretien Roy de France Henri deuxième de ce nom"; Epître "Aux lecteurs". *Les vies des hommes illustres, grecs, romains, comparées l'une avec l'autre par Plutarque* [...]. Paris: Vascosan, 1559.
- BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à nos jours*. Tome II. Le XVIe siècle. Paris: Armand Colin, 1967.

DELISLE, Jean & WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. São Paulo: Ática, 1998.

DEMONET, Marie-Luce. *L'espace linguistique européen: La Renaissance*. In: PRI-GENT, Michel (org). *Histoire de la France littéraire*. Tome I. Paris: PUF, 2006.

DOLET, Etienne. *De la manière de bien traduire d'une langue en aultre*. Lyon: E. Dolet, 1540.

DU BELLAY, Joachim. *Deffence et illustration de la langue française*. Paris: Henri Chamard, 1904.

FAVERI, Cláudia Borges de & TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilingüe. Volume II. Português-Francês. Florianópolis: Núcleo de Tradução/Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

FUMAROLI, Marc. *L'âge de l'éloquence*. Paris: Albin Michel, 1980.

LUCE, Guillermin. *Sujet de l'écriture et traduction autour de 1540*. Paris: Amateur de Livres-Klincksieck, 1988.

MAGNIEN, Michel. *De l'émergence à l'illustration (XVe-XVIIe siècles)*. In: PRI-GENT, Michel (org). *Histoire de la France littéraire*. Tome I. Paris: PUF, 2006.

MONTAIGNE, Michel de. *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1962.

MOUNIN, Georges. *Les belles infidèles*. Paris: Cahiers du Sud, s/d.

NAÏS, Hélène. Bibliographie et notes complémentaires. L'influence des traductions françaises sur la langue du XVIe siècle. In: BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à nos jours*. Tome II. Paris: Armand Colin, 1967.

SALLAT, Pierre. Epistre au Roy. In: *Les neuvs livres des histoires de Herodote*. Plus un recueil de *George Gemiste dict Plethon*... Le tout traduit de grec en François par P.S. Paris, 1556.

SEYSSSEL, Claude de. Le prologue de Messire Claude de Seyssel. In: *Les Histoires universelles de Trogue Pompee, abbregees par Justin Historien, Translatées de Latin en François par Messire Claude de Seyssel*. Paris: Vascosan, 1559.

TORY, Geoffroy. *Champfleury*. Paris: 1529; et Mouton reprints, 1970.